

190

QUESTÃO INDÍGENA

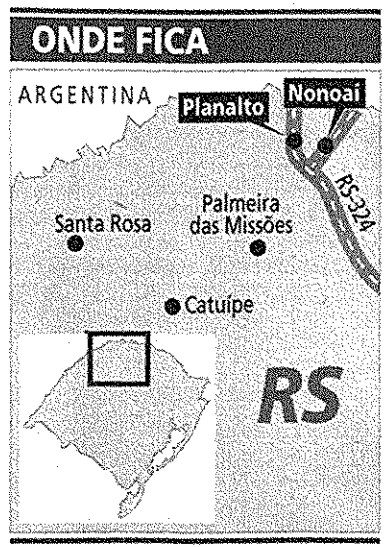
Caingangues bloqueiam RS-324

Índios reivindicam propriedade ocupada por pequenos agricultores

ADREANE BECKER
Casa Zero Hora/Passo Fundo

Planalto – Cerca de 600 índios caingangues interromperam ontem o tráfego no km 20 da RS-324, na reserva indígena de Pinhalzinho, município de Planalto, na região do Alto Uruguai. Eles reivindicam rapidez na desocupação de 16,1 mil hectares de terras, localizadas entre os municípios de Planalto e Nonoai, baseados na portaria de demarcação das terras publicada pelo Diário Oficial da União no dia 14 de dezembro do ano passado. A área é atualmente ocupada por 300 famílias de agricultores. Os indígenas exigem maior rapidez no levantamento das benfeitorias dos agricultores e na desocupação da área.

A ação começou às 6h. Até o final da tarde de ontem, os índios estavam impedindo o trânsito usando pedras e madeiras. Apenas ambulâncias estavam sendo liberadas para seguir viagem. Segundo Augusto da Silva, líder dos caingangues, a intenção é continuar interrompen-



do o trânsito até que o governo resolva o impasse. Os agricultores que residem na área reivindicada pelos índios não se recusam a desocupar as terras, mas querem que a Fundação Nacional do Índio (Funai) cumpra a sua parte e pague o valor das benfeitorias. Depois disso, o governo deverá indicar outro local para que os agricultores se estabeleçam.

– A Funai se comprometeu a

pagar o valor das benfeitorias, mas até agora não fez nada – diz o agricultor Antônio Zaparti, 43 anos, que mora na Vila Cruzeiro, em Planalto, há 40 anos.

Zaparti afirma que herdou suas terras da mãe. No município de Planalto, a área reivindicada compreende 2,2 mil hectares. O restante fica em Nonoai.

O promotor Marcelo Petry, do Ministério Público Estadual, visitou o local da manifestação ontem pela manhã e agendou uma audiência conciliatória para o final da tarde entre os índios, representantes da Funai, das procuradorias da República e do Estado, o prefeito de Planalto, Moacir Zilio (PPB), e a juíza do município. Depois do encontro realizado no fórum de Planalto, o grupo de seis índios que foi à reunião prometeu tentar convencer os demais companheiros a liberarem a estrada. Os índios, que querem conhecer a posição pessoal do governador Olívio Dutra sobre o assunto, viajarão para Porto Alegre na próxima sexta-feira em busca de uma solução.

MICHELE STUMPF – ESPECIAL/ZH



Tráfego interrompido: cerca de 600 índios fecharam a estrada no km 20, na reserva de Pinhalzinho

Uma luta sem fim

CARLOS WAGNER

O Rio Grande do Sul vive atualmente mergulhado em um conflito indígena. A luta dos caingangues e dos guaranis pela retomada de suas terras é hoje um dos maiores focos de tensão agrária no Sul. A questão é antiga e vem crescendo. O maior confronto das últimas décadas ocorreu em 1978. Na época, integrantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai) ajudaram os caingangues a se organizar e expulsar 1,5 mil famílias de colonos que viviam na Reserva Indígena de Nonoai, no Alto Uruguai. Parte das famílias expulsas acampou em Encruzilhada Natalino, à beira da estrada de chão que liga Ronda Alta a Passo Fundo, e fundou o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

As relações entre a direção do MST e os chefes indígenas sempre foram formais. Há apenas a solidariedade política. O conflito de interesses entre os colonos do MST e os índios não permite uma

maior aproximação entre os dois grupos. Quando se trata de uma terra alheia, os índios não se consideram invasores. Dizem estar retomando o que era deles, como foi descrito pela série de reportagens Brancos x Índios, publicada por Zero Hora em setembro passado. Em parte, eles têm razão. A Constituição de 1988 reconheceu o direito dos índios sobre 45 mil hectares desapropriados pelo Estado nos anos 50 e 60. Já conseguiram recuperar cerca de 12 mil hectares.

Nos últimos dias, as tribos invadiram áreas nas cidades de Planalto, Espumoso e Vicente Dutra. Restam no território gaúcho pelos menos 11 mil índios, a maior parte deles envolvida na luta pela retomada da terra. Hoje, os índios atuam de maneira mais organizada do que em 1978, quando os caingangues expulsaram os colonos de Nonoai. A maior organização resultou do fato de os atuais líderes terem freqüentado o sistema de ensino dos brancos. Uma boa parte cursou faculdade.